

# Slam Poetry como estratégia de ensino e aprendizagem com base na Teoria da Objetivação

Caio Ruano da Silva<sup>1</sup> Jardel Pereira da Silva<sup>2</sup>  
Andreia Luisa Carriço Cury<sup>3</sup>

## Resumo

A presente pesquisa buscou refletir sobre como o *slam* poetry pode ser utilizado como uma estratégia de ensino e aprendizagem, tendo como base a Teoria da Objetivação (TO). Para isso, foi adotada uma abordagem exploratória e explicativa. Os dados coletados foram utilizados para diagnosticar situações a serem constatadas e descobrir novas ideias não previstas inicialmente. Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa de abordagem qualitativa se desenvolveu inicialmente por meio de pesquisa bibliográfica e documental, especificamente no uso do *slam* poetry como ferramenta de ensino e aprendizagem, atrelada à Teoria da Objetivação. A coleta de dados também ocorreu por meio de observação participante em eventos de *slam* no Brasil e no Canadá, além de 17 entrevistas com pessoas envolvidas no *slam* de diversas maneiras (poetas, organizadores, estudantes, professores etc.). Os dados foram analisados por meio de análise de conteúdo. Para sustentar esse ponto, a proposta primeiramente apresentou a Teoria da Objetivação. Em seguida, o *slam* poetry foi introduzido e debatido. Por fim, foi realizada uma discussão na qual refletimos sobre como o *slam* poetry, a educação e a Teoria da Objetivação se encontram. Os resultados indicam que, no ensino de linguagens, o *slam* poetry pode proporcionar uma abordagem diferenciada em relação ao ensino tradicional de poesia, principalmente por envolver processos de subjetivação. Além disso, o *slam* se configura como um espaço dialético entre cultura e sujeito, especialmente no que se refere a pautas sociais como racismo, feminismo, consciência de classe, entre outras, servindo também para a inclusão desses debates no ambiente escolar, democratizando-o. Por fim, defende-se a ideia de que o *slam* poetry pode se alinhar ao conceito de atividade defendido na TO, ou seja, o trabalho coletivo.

**Palavras-chave:** Slam Poetry. Teoria da Objetivação. Estratégia de Ensino e Aprendizagem.

## Slam Poetry as a strategy for teaching and learning based on the Theory of Objectification

### Abstract

Theory of Objectification. An exploratory and explanatory approach was used. The data collected was utilized both to diagnose situations and to uncover new ideas not initially foreseen. Methodologically, this qualitative research was initially developed through bibliographic and documentary research, specifically focused on the use of slam poetry as a teaching and learning technique, interrelated with the main concepts of the Theory of Objectification. Data collection also included interviews with slam poetry participants (poets, organizers, students, teachers etc.). The data was analyzed using content analysis. To support this analysis, the proposal first presented an overview of the Theory of Objectification. Then, slam poetry was introduced and discussed. Finally, a discussion reflected on how slam poetry, education, and the Theory of Objectification intersect. The results indicate that in language teaching, slam poetry can offer a distinct approach from traditional poetry instruction, primarily because it involves processes of subjectivation. Furthermore, slam poetry has served as a dialectical space between culture and the individual regarding social issues such as racism, feminism, and class consciousness, among others. It also acts as a tool for including these debates in the school environment, thus democratizing it. In conclusion, the study defends the idea that slam poetry aligns with the concept of activity present in the Theory of Objectification, which emphasizes collective work.

<sup>1</sup> Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), Vitória, Brasil. E-mail: caio.silva@ifes.edu.br

<sup>2</sup> Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Brasil E-mail: alonso.quirroz@usach.cl

<sup>3</sup> Lorem ipsum dolor sit amet. E-mail: maritzasilva1@gmail.com

**Keywords:** Slam Poetry. Theory of Objectification. Teaching and Learning Strategy.

## La Poesía Slam como estrategia para la enseñanza y el aprendizaje basado en la Teoría de la Objetivación

### Resumen

El presente estudio busca analizar la poesía *slam* como una estrategia de enseñanza y aprendizaje basada en la Teoría de la Objetivación. Para ello, se utilizó un enfoque exploratorio y explicativo. Los datos recopilados se emplearon para diagnosticar situaciones y descubrir nuevas ideas no previstas inicialmente. Además, desde un punto de vista metodológico, esta investigación cualitativa se desarrolló inicialmente mediante investigación bibliográfica y documental, específicamente en el uso de la poesía *slam* como técnica de enseñanza y aprendizaje, interrelacionada con los principales conceptos de la Teoría de la Objetivación. La recopilación de datos también se realizó a través de entrevistas con participantes de poesía *slam* (poetas, organizadores, estudiantes, profesores etc.). Los datos se analizaron mediante análisis de contenido. Para sustentar este análisis, la propuesta primero presentó una introducción a la Teoría de la Objetivación. Luego, se presentó y debatió la poesía *slam*. Finalmente, se realizó un coloquio en el que se reflexionó sobre cómo la poesía *slam*, la educación y la Teoría de la Objetivación se interrelacionan. Los resultados indican que, en la enseñanza de lenguas, la poesía *slam* puede ofrecer un enfoque diferente al de la enseñanza tradicional de la poesía, principalmente porque implica procesos de subjetivación. Además, la poesía *slam* ha servido como un espacio dialéctico entre cultura y sujeto en relación con cuestiones sociales como el racismo, el feminismo, la conciencia de clase, entre otras, actuando también como una herramienta para incluir estos debates en el ámbito escolar, democratizándolo. En conclusión, se defiende la idea de que la poesía *slam* se alinea con el concepto de actividad presente en la Teoría de la Objetivación, que es el trabajo colectivo.

**Palabras clave:** Poesía Slam. Teoría de la Objetivación. Estrategia de Enseñanza y Aprendizaje.

### Introdução

A presente proposta tem o objetivo de refletir sobre como o *slam poetry* pode ser utilizado como uma estratégia de ensino e aprendizagem tendo como base a Teoria da Objetivação (TO). Na educação bancária que ainda está bastante presente nos sistemas públicos de ensino seja do Brasil ou de vários países da América Latina, assolados por políticas neoliberais orientadas por uma agenda de organismos transnacionais, tem-se no professor uma figura que assume um papel de mero acumulador de conhecimento e transmissor deste aos seus educandos. Forma-se assim uma relação de unilateralismo e pouco estímulos para socialização e desenvolvimento de conhecimentos mútuos e, portanto, da criatividade.

Nessa perspectiva existe a necessidade de novas maneiras de pensar os processos de ensino e aprendizagem, e entre elas apresentamos a Teoria da Objetivação. A Teoria da Objetivação (TO) é uma teoria educacional que se concentra nos problemas do ensino e da aprendizagem e para isso se baseia na filosofia de Hegel e no subsequente materialismo dialético desenvolvido por Marx e Ilyenkov (RADFORD, 2017, p. 229). Compreendemos que a TO possibilita a compreensão humana e subjetiva do mundo global, no qual as juventudes estão inseridas, vinculada ainda a necessidade de alojamento criativo e plena execução em trabalhos originais à luz da ótica dos jovens, que na relação aqui analisada criam e performam poesias nas quais externam seus pensamentos acerca de suas visões de mundo.

Surgido nos Estados Unidos da década de 1980, mais precisamente em Chicago, o *slam poetry*<sup>4</sup> consiste em uma modalidade poética livre, cujo objetivo inicial era justamente “reavivar” a poesia

---

<sup>4</sup> Como modalidade originária dos Estados Unidos da América (EUA), se adotou em todo o mundo a terminologia original em

naquele tempo, uma vez que para o seu precursor, o poeta Marc Kelly Smith, a poesia havia se tornado uma arte morta (SMITH e KRAYNAK, 2009). Smith argumentava que em outras épocas e lugares a poesia havia sido uma arte popular, mas que então havia se tornado elitizada e pouco atraente para o público em geral. Assim, o *slam* (como também é chamado) buscava originalmente restaurar a figura e o status do poeta como artista performático.

Atualmente, passados aproximadamente 40 anos de sua origem, o *slam* se espalhou pelo mundo e se popularizou, o que permite dizer que seu objetivo inicial foi alcançado. Os torneios de *slam* passaram a classificar seus vencedores para competições maiores (locais, nacionais e mundiais), criando-se ligas organizadas. Juntamente com esse processo foi observada uma crescente transposição dessa prática social para a prática educacional (e.g. SILVA e LOSEKANN, 2020). Existem, inclusive, campeonatos interescolares de *slam poetry* de forma consolidada no Brasil, na França, nos Estados Unidos e em outros países<sup>5</sup>. Em um primeiro levantamento documental e bibliográfico em repositórios científicos de acesso aberto, Silva (2020) constatou que dos 52 artigos que tratavam de *slam poetry*, 25 abordavam a relação dessa modalidade poética com a Educação. Essa busca foi posteriormente amplificada, quando Silva e Silva (2023) encontraram e analisaram 31 artigos que tratavam dessa relação.

Nesse sentido, uma análise aprofundada do *slam poetry* nos permite argumentar que tanto a filosofia original da prática, isto é, seus valores fundamentais, quanto às formas culturais e subjetivas que tem tomado e que possuímos registro, podem configurá-lo como uma estratégia de ensino-aprendizagem condizente com os fundamentos da Teoria da Objetivação em diversas áreas do conhecimento. A indissociabilidade entre ser e saber, o princípio de atividade e de labor conjunta, os processos de objetivação e subjetivação que permitem o conhecimento, todos esses aspectos que permeiam a TO nos parecem chaves analíticas pertinentes para compreender a utilização do *slam* no desenvolvimento do ser em sua relação com a linguagem e com outros conhecimentos relacionados às humanidades.

Para sustentar esse ponto, a presente proposta primeiramente realizou uma apresentação sobre a Teoria da Objetivação. Em seguida, o *slam poetry* foi apresentado e debatido. Por fim, foi realizada uma discussão acerca da transposição do *slam* para prática educacional voltada à juventude. Nesse capítulo específico, além do referencial teórico sobre o tema, foram utilizados dados provenientes de observação participante em 21 *slams* no Brasil e no Canadá, assim como entrevistas com 23 pessoas<sup>6</sup> relacionadas ao movimento de diversas formas (poetas, organizadores, professores que levaram a modalidade para suas escolas, pesquisadores e estudantes participantes dos *slams* escolares).

---

língua inglesa, todavia começasse utilizar os termos ‘batida de poesia’ e ‘batalha de rima’ como tradução livre no português do Brasil

<sup>5</sup> No Brasil, em 2021, o Slam Interescolar de São Paulo recebeu o Prêmio Jabuti de Literatura, na categoria Fomento à Leitura.

<sup>6</sup> Na pesquisa realizada há 23 sujeitos, todavia realizamos 17 entrevistas, na qual uma foi com um grupo de estudantes e outra com docentes.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa de abordagem qualitativa se desenvolveu fazendo uso do tipo pesquisa bibliográfica e documental. Quanto ao objetivo, apresenta-se inicialmente exploratória e avança com a finalidade de se empreender como explicativa. A análise dos dados se deu a partir do arcabouço da análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Os dados coletados foram usados para diagnosticar situações a serem constatadas ou descobrir novas ideias não previstas inicialmente (RICHARDSON, 1999).

## TEORIA DA OBJETIVAÇÃO

A Teoria da Objetivação começa a ser esboçada na década de 1990, em um movimento de educadores da matemática que visavam propor alternativas às abordagens individualistas que dominavam a área (MOREY, 2020). Luis Radford é, atualmente, professor titular na *Laurentian University* em Ontário, Canadá, e é o pioneiro nesta teoria, a qual estruturou e sistematizou desde 1992, Radford realiza pesquisas em história, cultura, ensino e aprendizagem. Seus estudos buscam evidenciar diferentes abordagens teóricas no fazer docente.

Para Radford (MORETTI, PANOSSIAN e MOURA, 2015), o modelo econômico que rege o capitalismo gera um sistema educacional que não está cumprindo seu papel social e cultural na formação de cidadãos, mas se torna um local de capacitação de mão de obra para os negócios e para o mercado. Radford desenvolve um trabalho que busca uma alternativa a essa visão de mercado dentro do ambiente escolar, enfatizando que os conceitos fundamentais da Educação devem ser questionados. Para ele, o saber não é algo inato, mas sim algo que é aprendido e praticado socialmente, a escola e os educadores têm ainda o papel de ajudar o aluno a compreender novos saberes, mas eles até então só estarão disponíveis para estes em potencialidade e será atualizado somente nas práticas sociais (MOURA, 2014).

A Teoria da Objetivação tem debate mais recente no Brasil e vem sendo apropriada, principalmente, pela concepção dialética-materialista do saber. Nessa concepção, o ensino consiste em um “esforço político, social, histórico, e cultural visando a criação dialética de indivíduos reflexivos e éticos para que pensem criticamente nas práticas constituídas histórica e culturalmente enquanto vislumbram novas possibilidades de ação e pensamento” (RADFORD, 2020, p.16). Essa teoria se contrapõe às abordagens tradicionais de educação, centradas no professor como detentor do saber e que atribuem ao aluno um papel passivo. De modo equivalente, a TO também se contrapõe às abordagens centradas nos estudantes, como perspectivas construtivistas, que relegam ao professor um papel secundário e pressupõem o estudante como criador do próprio saber. Como exposto a seguir, compreender a TO passa por (re)significações específicas dos conceitos de saber, conhecimento, aprendizagem, atividade, dentre outros. Além disso, é preciso também compreender a relação dialética entre sujeito e cultura.

Primeiramente, é preciso destacar que na Teoria da Objetivação ser e saber são componentes intrincados dentro do processo de ensino-aprendizagem. Na TO, o saber se concebe como uma en-

tidade histórico-cultural, dinâmica, em transformação contínua, algo que já existe antes mesmo do nosso nascimento e que encontramos ao longo das nossas vidas. De maneira mais precisa, o saber é definido como “um sistema de processos corpóreos, sensíveis e materiais de ação e reflexão, constituídos histórica e culturalmente” (RADFORD, 2020, p.16). O mundo social nos oferece sistemas de pensamento, ou seja, formas de pensar e compreender o mundo. Assim, os sistemas de pensamento que propiciam nossas ações são cultural e historicamente constituídos (RADFORD, 2020).

Isso, todavia, não significa dizer que o homem se configura como uma reprodução exata de sua cultura. Admitir isso prematuramente significaria ignorar as possibilidades de agência do indivíduo. A Teoria da Objetivação entende que tanto o mundo cultural como as identidades dos indivíduos estão em um processo contínuo no qual mutuamente se influenciam, de modo que nenhum permanece fixo. No que se refere ao saber e ao conhecimento, isso implica dizer que os sistemas de pensamento que compõem o saber estão ali postos no mundo, mas eles não se configuram em conhecimento a menos que sejam ativados por sua relação dialética com o sujeito, ou seja, até que sejam colocados em prática.

Nos termos de Alfredo Bosi (1987), o conhecimento não pode ser visto como um conjunto de ideias inertes. Para que seja conhecimento é necessária práxis, a ação do ser no mundo social mediada por determinado saber. Embora não estivesse tratando da Teoria da Objetivação, Bosi (1987), que possui tradição epistemológica semelhante, nos oferece o exemplo da ecologia para sua definição de conhecimento. Para ele, não adianta possuir uma vasta literatura sobre o tema se esses “saberes” não forem colocados em prática. O professor então utiliza o exemplo de ativistas ambientais que se informam sobre legislações, interagem com órgãos reguladores, se mobilizam em ações efetivas, e assim vão configurando a sua luta pela preservação ambiental. O conhecimento é então a ativação do saber, e depende da prática social para que ocorra. Da mesma forma, para a TO, o saber não se constrói nem se transmite, mas se *encontra* através de processos sensoriais de objetivação e subjetivação (RADFORD, 2020, p.26).

Os *processos de objetivação* são justamente nossos encontros com esses sistemas de saber culturalmente existentes. De maneira mais precisa os processos de objetivação são aqueles processos sociais de tomada de consciência progressiva e crítica de um sistema de pensamento e ação cultural historicamente constituído. É passar a notar e dar sentido a esses sistemas, ou seja, algo que se revela à consciência não passivamente, mas por meio da atividade corpórea, sensível, afetiva, emocional, artefactual e semiótica. A aprendizagem é resultado desse processo (RADFORD, 2020).

Quando se fala em processos de subjetivação entende-se que componentes emocionais e afetivos devem ser considerados como parte desse processo de aprendizagem. As emoções fazem parte do pensamento e da ação corporal. Assim, não se pode pensar na aprendizagem como um esforço puramente mental, mas em algo que envolve também as emoções e o afeto. No processo ensino-aprendizagem não são produzidos apenas saberes, mas subjetividades (RADFORD, 2020).

Essa compreensão ajuda a revelar a natureza do conceito de atividade na Teoria da Objetivação. Os seres humanos possuem necessidades (fisiológicas, espirituais, artísticas etc.). No processo de satisfação das necessidades, o ser humano se lança no mundo, se expõe e, ao se expor, produz. O que produz para satisfazer suas necessidades ocorre por meio de um processo social que é, ao mesmo tempo, a inscrição do indivíduo no mundo social e a produção de sua própria existência (RADFORD, 2020). Na TO é a atividade que se desdobra como um esforço conjunto e genuinamente social por meio do qual se produz algo coletivamente e ao mesmo tempo os indivíduos são transformados, portanto, a atividade é uma forma de vida. “A atividade é a unidade mínima que reproduz a sociedade como um todo” (RADFORD, 2015, p. 553).

A atividade na Teoria da Objetivação é chamada de Labor Conjunto, e tal conceito compreende que ensino e aprendizagem não podem ser vistos como atividades separadas, um executado pelo professor e outro pelo estudante. Ambas as partes estão sempre ativas, trabalham juntas em uma obra comum (RADFORD, 2020).

No atual cenário pelo que passa as inovações de currículo da educação básica e da prática docente que o mundo global exige, temos uma formação da juventude brasileira, e do pensamento baseadas no contexto econômico, social, histórico ou político no qual os jovens estão inseridos, e com isso nos inquietamos em saber que tipo de reflexões centralizam os anseios deste público e desta geração (UNESCO, 2004). Weller (2009) discute essa relação do conceito de juventude e contexto fundamentando-se nas concepções de Mannheim:

Mannheim discute o significado da juventude na sociedade e o papel que a mesma desenvolve ou deveria desenvolver. Destaca a importância de compreendermos a juventude levando em consideração o contexto histórico, político e social no qual ela está inserida e de percebermos a relação entre juventude e sociedade em termos de reciprocidade (MANNHEIM, 1961, p. 36, *in*: WELLER, 2009, p.10). A UNESCO ainda trata do conceito de juventude como “período do ciclo da vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos e, durante o qual, se produzem importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam segundo as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e o gênero” (UNESCO, 2004).

Na próxima seção apresentamos o *slam poetry*, para em seguida refletirmos sobre como a Teoria da Objetivação pode ser alinhada a essa prática em processos de ensino-aprendizagem no que se refere às linguagens e humanidades. Sob esse olhar, considerando o público e a geração atual e vindouras, podemos definir as estratégias de ensino e aprendizagem, baseada nas reflexões que a prática do *slam poetry* institui, como espaço para discussão crítica e formação da juventude. Nessa perspectiva e considerando as recentes concepções de aprendizagem através de estratégias inovadoras como o uso do *slam poetry* atrelado a TO e, conseqüentemente, às concepções e perspectivas da juventude serão refletidas em profundidade na seção seguinte.

## **SLAM POETRY**

*Slam poetry* é um termo essencialmente polissêmico. Refere-se tanto a uma modalidade de poesia performática como também ao evento em que ela se passa. O primeiro exemplo está presente na frase “eu fiz/ouvi um poema de *slam*”, o segundo em “hoje a noite tem um *slam* na praça”. Seus elementos centrais passam por cinco pilares: poesia, performance, competitividade, interatividade e comunidade (SMITH e KRAYNAK, 2009).

Os dois primeiros são elementos estritamente artísticos. Basicamente a poesia é o texto e a performance a atuação teatral do texto. Esses elementos se misturam na declamação e na linguagem corporal do poeta. O conteúdo dos versos em si, mas mais que isso, a intensidade e o tom das falas, os sons e os intervalos, os gestos e a atitude. Esses são os elementos que, a priori, devem ser analisados pelos jurados para definir as notas, que fazem com que o poeta/competidor (também chamado de *slammer*) avance para as próximas fases da competição.

Como a modalidade competitiva que é, o *slam* possui regras. Essas podem vez ou outra variar, mas no geral são as mesmas em praticamente todos os eventos. Qualquer pessoa pode se inscrever para participar. Cada poeta possui 3 minutos para se apresentar. Passado esse tempo (e por vezes 10 segundos de tolerância), o competidor terá sua pontuação descontada de acordo com o excesso de tempo. Os textos devem ser autorais. Não são aceitas fantasias, instrumentos ou qualquer objeto como parte da performance, esta deve ser realizada por meio do corpo e da voz, até por um princípio de igualdade. A temática e o estilo da poesia são livres.

Além disso, no *slam* o público é estimulado a interagir, principalmente apoiando as performances que gostam e cobrando os jurados por notas com as quais não concordam. No Brasil tornou-se tradicional o grito de “credo!” para expressar que uma nota atribuída por um jurado foi abaixo da esperada pelo público. Embora hoje em dia se vejam eventos com jurados pré-selecionados, a prática original do *slam* determina que esses devem ser membros selecionados em meio ao público, preferencialmente de forma aleatória. Talvez esta mudança seja em função de existirem campeonatos “maiores”, nos quais mais coisas estão em jogo (estaduais, nacionais e o mundial). De todo modo, a interação público-jurados-poetas-apresentador, ou seja, essa conexão entre todos os participantes em “fazer o evento” é que define o termo “interatividade”.

Por fim, “comunidade” se refere aos laços que esses outros elementos são capazes de gerar. É comum nos eventos ver grupos de amigos se apoiando, diálogos e conexões entre pessoas antes e depois das apresentações poéticas, assim como em seus intervalos. Relações de diversas naturezas (profissionais, de amizade, amorosas) nascem entre as pessoas que se conhecem no *slam*. Nesse sentido, os trabalhos de Silva (2020; 2022) e Silva e Losekann (2020) revelam que essas comunidades se formam não apenas pelas trocas artísticas, mas têm como base “o político” nos termos de Chantal Mouffe (1993; 2005).

Com raras exceções<sup>7</sup>, o *slam* tem se configurado como um local de interseccionalidade de lutas sociais. Assim, formam comunidades emocionais baseadas em equivalências democráticas, de modo que identidades distintas se encontram, se reconhecem, validam e apoiam a luta do outro (SILVA, 2020; 2022). A forma mais explícita em que essas lutas transparecem é nos temas das poesias. Conforme afirma Somers-Willett (2005), tons passionais e de protesto são comuns e muitos poetas tratam o *slam* como um palanque político, alguns quase exclusivamente.

Em Nova Iorque, Belle (2003) aponta que os *slammers* apresentam textos sobre racismo, sexismo, violência policial, exploração e opressão da classe trabalhadora, dentre outros. Similarmente, em relação ao *slam* na França, Poole (2007; 2008) destaca que, embora não exista um tipo específico de poeta, denúncias de injustiças e desigualdades sociais são temas característicos em *slams*, que retratam muitas queixas (*grievances*) do século XXI ao abordar temas como a violência, o consumismo, o racismo e o isolamento social. Temas semelhantes foram observados por Silva (2020; 2022) em *slams* do Brasil e do Canadá.

Nesse sentido, Somers-Willett (2005) destaca que uma das características mais definidoras do *slam* são as performances de identidade e de identidade política. De acordo com a autora, performances assim são as mais comuns no palco do *National Poetry Slam* (competição de nível nacional realizada anualmente nos Estados Unidos), sendo que performances que evocam a noção de “identidades marginalizadas” tendem a obter mais sucesso nesse cenário. A autora conclui com a reflexão de que a premiação dessas identidades é um processo que ajuda a gerá-las e afirmá-las.

No livro *Word Warriors*, Alix Olson (2007), componente do time campeão nacional (dos Estados Unidos) em 1998, proporciona maior clareza sobre os parâmetros identitários em questão. Sobre esse time de poetas, chamado *Nuyorican Slam Team*, ela relata:

Meus colegas de time eram um revolucionário porto-riquenho, uma feminista trinitina, um cara branco bem-informado sobre o socialismo e com duas mães lésbicas; nossa mentora, e líder da batalha do Nuyorican naquela época, era Keith Roach, que havia sido uma Pantera Negra. De forma descontraída, eu me referia ao nosso time como Poetização Arco-Íris. Nós ganhamos o primeiro lugar na competição do National Poetry Slam em Austin, Texas, fizemos um tour nacional com o grupo no ano seguinte; e assinamos um contrato de livro com a Soft Skull Press (*Burning Down the House*). Eu acredito que a razão pela qual obtivemos tanto sucesso como grupo foi que cada um de nós abordava nossa arte a partir de pontos diferentes baseados em nossas identidades, mas com um pathos e uma ideologia política comum. (OLSON, 2007, xiii-xiv)

Embora a transposição para o espaço escolar acarrete alterações na prática do *slam*, os temas identitários e de identidades políticas permanecem presentes e relevantes nesse espaço (SILVA e LOSEKANN, 2020). Assim, além da ativação de conhecimentos relacionados a área de linguagens (literatura, gramática, ortografia etc.), que variam de acordo com a intenção do professor que o leva para a sala de aula, existe uma expectativa de que o *slam* escolar realize seu potencial democratizante também nesse novo ambiente (SILVA e LOSEKANN, 2020).

---

<sup>7</sup> Na Inglaterra performances que abordam esses temas são mal vistas, pois não soam autênticas ao público. Lá o *slam* apresenta mais textos humorados, por exemplo.

O estudo de Silva e Losekann (2020) demonstra que, apesar de instrumentalizarem o *slam* para o ensinamento de conteúdos diversos, aqueles que o levam para as escolas o fazem com a intenção de que essa ação seja capaz de democratizar o espaço escolar. Além da expectativa de dar voz aos estudantes, espera-se que problemas sociais presentes nas comunidades e na sociedade de modo mais amplo – como o racismo, o sexismo, a violência e outros – possam ser abordados no espaço escolar, além de ser esperado, também, fomento a reflexões acerca desse mesmo espaço. Embora ocorram algumas descaracterizações do *slam* quando esse entra em contato com a escola, o espaço de expressão criado e os temas das poesias feitas pelos estudantes parecem demonstrar que seu potencial político se realiza também nesse ambiente. Pode-se afirmar que, na escola, o *slam* se mantém como arte crítica (MOUFFE, 2007) e como um veículo para a democracia radical e plural (MOUFFE, 1993; SILVA e LOSEKANN, 2020).

Na próxima seção aprofundaremos a discussão entre *slam poetry* e educação. Com o auxílio de outros estudos sobre o tema, conjuntamente com dados próprios oriundos de entrevistas e observação participante em eventos de *slam*. Sustentamos o argumento de que o *slam* pode se configurar como uma estratégia de ensino-aprendizagem alinhada com os princípios da Teoria da Objetivação.

## **| SLAM POETRY, EDUCAÇÃO E TEORIA DA OBJETIVAÇÃO**

A redação do presente capítulo provou-se desafiadora. Optamos por uma abordagem teórico-empírica, mesclando a literatura que relaciona *slam poetry* e educação com os dados coletados e tratados pelos pesquisadores. Os dados foram obtidos entre junho de 2018 e outubro de 2019, por meio de observação participante em 21 eventos de *slam* no estado do Espírito Santo (Brasil) e nas províncias de Ontário e Quebec (Canadá), e também por entrevistas de roteiro semi-estruturada, realizadas com 23 sujeitos envolvidos de diferentes formas com o *slam*.

Dentre esses sujeitos foram entrevistados *slammers* (poetas), *slammasters* (mestres de *slam*, organizadores), estudantes envolvidos com o *slam*, professores que levaram à prática do *slam* para suas escolas e pesquisadores do tema. Embora nem todas as entrevistas apareçam aqui citadas, o corpo de dados como um todo foi tratado por meio de análise do conteúdo (BARDIN, 2011), e reflete os achados expostos no presente trabalho. Na ocasião do levantamento de dados, o foco da investigação era justamente compreender como ocorre a transposição do *slam* enquanto prática social da rua para uma prática pedagógica no contexto institucional escolar. No entanto, embora essa estratégia tenha sido eficaz, a dificuldade se manifestou no sentido de que tanto os trabalhos que analisamos, como os sujeitos envolvidos com o *slam* que entrevistamos não tinham a Teoria da Objetivação como aspecto norteador de seus esforços.

Isso faz com que em alguns casos tenha sido possível apenas apreciar parcialmente a aplicabilidade dessa teoria, ponto principal da nossa argumentação. Por exemplo, alguns casos demonstram como o *slam* é capaz de ativar processos de objetivação e subjetivação que levam a determinados conhecimentos, mas em atividades que, no entanto, não necessariamente foram desenvolvidas tendo

o conceito de labor conjunto como referência para o professor que propunha a atividade na ocasião. Mesmo assim, a soma das experiências aqui retratadas e debatidas apresenta semelhanças suficientes com o que é proposto pela Teoria da Objetivação, de modo a alcançar o objetivo deste artigo de fundamentar a proposta de integração entre *slam poetry* e TO nas práticas de ensino e aprendizagem.

Dessa forma optamos por demonstrar, primeiramente, conhecimentos que podem ser ativados por meio do *slam poetry*, enfatizando como os processos de objetivação e subjetivação operam nesses casos. O desenvolvimento da linguagem, a formação de identidades individuais e coletivas, e a problematização e democratização do espaço escolar são os temas centrais nesse primeiro momento. Em seguida demonstramos como as atividades de *slam* podem ser implementadas no ambiente escolar por meio dos princípios estabelecidos no labor conjunto.

### ***Slam Poetry, conhecimento, processos de objetivação e subjetivação***

Talvez o aspecto mais óbvio no qual o *slam* se relaciona com a perspectiva educacional da Teoria da Objetivação é o desenvolvimento dos participantes em sua relação com a linguagem. Aprender uma língua é muito mais abrangente do que utilizar qualquer instrumento de tradução, por mais tecnológico que esse possa ser. Trata-se de um processo que altera a forma de perceber a si mesmo, o mundo em que se habita, e amplia as formas de atuação do sujeito. De acordo com Somers-Willett (2005), quase toda poesia de *slam* é escrita em primeira pessoa, é narrativa, busca ser compreensível de primeira, e soar autêntica em termos identitários.

“Porque essa galera, às vezes eles não colocam como primeira pessoa, colocam como terceira pessoa falando. Mas são eles, mano, é a vida deles. Estão cansados das abordagens, estão cansados dos tratamentos nas escolas, estão cansados de uma cota de coisa que eles não têm abertura pra falar” (informação verbal)<sup>8</sup>.

Na Teoria da Objetivação, a linguagem, os signos, os artefatos e o corpo sensível não são tidos como mediadores, mas como parte da atividade dos indivíduos. E uma vez que atividade e pensamento são colocados aqui como entrelaçados, esses elementos também são considerados parte do pensamento. São parte da textura material do pensamento (RADFORD, 2020).

Observemos essas considerações à luz dos trabalhos de Poole (2008), Boudreau (2009) e Vorger (2012), autoras que defendem o *slam* como estratégia de ensino-aprendizagem de línguas. Pela variedade de estilos e tópicos, Poole (2008) afirma que o *slam* é uma boa escolha para os professores no ensino de línguas estrangeiras, não apenas por sua base linguística, mas também por representar a cultura popular e oferecer imagens e sons atualizados (*up-to-the-minute*) da sociedade. Esses exemplos de cultura popular podem ser instrumentos para ajudar o estudante a considerar as experiências e perspectivas vivenciadas nos países que usam a língua que ele deseja aprender. O *slam* pode propiciar a habilidade de comparar duas culturas (a do estudante de línguas e a do falante nativo/fluyente). Porém, a proposta da autora, nesse caso, está mais focada na apreciação de textos “consagrados” de artistas de *slam*.

---

<sup>8</sup> Chacal, *slammaster* e *slammer*, em entrevista concedida ao autor Caio Ruano da Silva em 2018.

Vorger (2012), por sua vez, realizou uma pesquisa-ação na qual utilizou o *slam* para o ensino do Francês como segunda língua. Ao observar duplas de alunos criarem poemas de *slam*, ela constatou que o *slam* é um espaço de criação e jogo com as palavras. Assim, baseando na criação, suas possibilidades didáticas superam a da poesia tradicional, que se baseia na recitação (VORGER, 2012). Da mesma forma, Boudreau (2009) afirma que as experiências que as crianças têm com a poesia na escola geralmente envolvem recitação e memorização. Essas experiências são focadas em poesia como gênero, na sua estrutura e no estudo de poemas celebrados do ocidente. Isso consiste em uma abordagem tradicional da educação, semelhante àquela destacada por Radford (2020), na qual existe um corpo de conhecimento, e cujo papel do professor é ser guardião e veículo de acesso a esse conhecimento, mesmo que estes se encontrem distanciados, (espacial e/ou temporalmente) da realidade social e cultural dos estudantes.

Ao romper com essa abordagem, as características do *slam* o fazem uma poderosa estratégia de ensino-aprendizagem. Pois, enquanto a leitura e a recitação de textos canônicos podem configurar uma relação distanciada entre estudante, poesia e sociedade, assistir a performances de *slam* permite uma leitura atualizada de determinada cultura, e a criação poética, ainda mais além, permite a expressão de pensamentos e sentimentos próprios, baseados em reflexões, experiências e sentimentos pessoais. Tem-se nessa atividade de criação proporcionada pelo *slam* a indissociabilidade entre ser e texto, pois estes compõem-se em sua interação.

Assim, no contexto do *slam poetry*, os estudantes são encorajados a expressar suas próprias vozes e experiências de maneira autêntica e pessoal. Isso ajuda a promover o reconhecimento da individualidade de cada aluno e a valorização de suas perspectivas únicas. Além disso, assim como na prática social, eles frequentemente abordam questões sociais, políticas e culturais em seus poemas, relacionando suas experiências individuais com questões coletivas mais amplas. Isso ajuda a promover uma compreensão mais profunda das interconexões entre o pessoal e o social, o individual e o coletivo. Conforme pressupõe a Teoria da Objetivação, se reconhece e se valoriza a relação dialética entre sujeito e cultura no processo de ensino-aprendizagem.

“A gente vem para uma proposta diferente cara, a gente surge com a proposta diferente e a gente abraça todos os tipos de pessoas. Porra, aonde, no mundo que a gente está vivendo hoje, nesse Brasil que a gente está vivendo hoje, você pega um andrógono declamando uma poesia onde todo mundo para pra escutar, um andrógono negro, e todo mundo para pra escutar esse cara, bate palma para ele, você está ligado? Isso é uma potência, porra, que a gente só quer aprender com essas pessoas. As pessoas que ninguém... são invisíveis na sociedade, são pessoas que ninguém quer ver, ninguém quer escutar, onde o Brasil quer esconder. O Brasil quer esconder essas pessoas, eles não querem que sejam ouvidos, tá ligado? Ali ela pode ser quem ela for, ao entrar em cena ela vai ser escutada e quando você escuta essa pessoa você fala ‘puta que pariu!’” (informação verbal)<sup>9</sup>.

“A maioria dos meninos que acaba participando eles estão em uma situação de não-privilegio, seja econômico, seja social, seja racial. Então, eles expõem essas desigualdades através da escrita, através da fala” (informação verbal)<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> John Conceito, *slammaster* e *slammer*, em entrevista concedida ao autor Caio Ruano da Silva.

<sup>10</sup> Gabrielle, professora, em entrevista concedida ao autor Caio Ruano da Silva.

Os excertos anteriores demonstram que o *slam* é capaz de proporcionar aos educadores conhecimento sobre a realidade material dos estudantes, algo fundamental na Teoria da Objetivação. “É também importante conhecer o aluno, saber de suas expectativas e angústias, de seu comportamento fora da escola, do ambiente de sua casa e comunidade. Isto é, conhecer o contexto social e cultural em que vive o aluno” (GOBARA e RADFORD, 2020).

“Eu acho que falta mesmo da parte da maioria dos professores tentar transformar esse espaço da escola num espaço de debates das questões que permeiam esse espaço mesmo. As questões da violência, da comunidade, as questões da utilização de drogas, e também da venda de drogas no meio que a gente está inserido, a violência que os alunos sofrem em casa. São discussões que não são tidas na escola. Então, por exemplo, quando teve, quando começou a se falar sobre essa mudança da escola, do Ensino Médio, uma coisa que eu propus foi que a gente debatesse com a comunidade isso. Por quê? Por que o aluno na escola o dia inteiro, e se ele precisa trabalhar? Ele vai fazer o que? Ele vai buscar uma outra escola, ele vai para um outro espaço, ou ele vai largar o emprego? Ele vai largar a escola, porque a gente não está lidando com pessoas que têm essa disponibilidade total para estudar. Mas não podem só trabalhar porque elas precisam ter educação, elas precisam se formar. Então eu queria ter tido a oportunidade de trazer esse debate para dentro da escola.” (informação verbal)<sup>11</sup>

Mas o *slam* não funciona tão somente como espaço de *expressão* de identidade, assim como ele compreende também um espaço de *formação* de identidades, individuais e coletivas (RUDD, 2012; VORGER, 2012; DAVIS, 2018; SILVA 2020). Em sua pesquisa com jovens urbanos do ensino fundamental nos Estados Unidos, Davis (2018) articulou a seguinte pergunta: como o *slam* engaja esses estudantes em processos de construção de identidade? Os resultados apontaram que a aula de *slam poetry* era um espaço seguro para os alunos expressarem uma vasta gama de emoções, algo que não é comum na escola. Geralmente, quando se demonstra sentimentos no ambiente escolar, isolamento, vergonha e culpa são os resultados. O *slam poetry* também auxiliou os jovens a criarem narrativas sobre si mesmos, nas quais eles estão seguros e são aceitos. O *slam* também é um lugar de rebelião, no qual os jovens podem desafiar forças e situações opressoras. Pode-se, por exemplo, desafiar a homofobia. E, por fim, o *slam* proporcionou reflexões por parte dos participantes acerca de suas identidades e experiências vividas. Por sua vez, Rudd (2012) observou o papel do *slam* no processo de formação e afirmação da identidade de estudantes enquanto artistas. Algo corroborado por nossos dados.

“Pra mim a principal importância dele foi abrir um leque gigantesco para eu me expressar de variadas e variadas formas. Uma coisa que eu raramente vi no *slam* é alguém recitar um conto. Eu me senti na liberdade. Eu ganhei todos os dez que poderia ter ganho recitando um conto. Caramba! Eu podia contar histórias. Eu podia ser além de mim. Eu podia captar as vivências. Eu podia me expressar. Eu podia não só me expressar, como expressar coisas em comum com a galera em volta, histórias (...) eu queria ter tido essa vivência quando eu estava numa escola. Como hoje em dia eu sou um poeta do que eu sou, um monte de gente se identifica, pá, mas... até eu me formar no ensino médio eu nunca tive contato com isso, nunca escrevi uma poesia. Na verdade eu adorava escrever redações, fazer bem, mas eu nunca tive esse contato, nunca tive incentivo da escola, nunca tive essa interlocução entre a escola e o mundo, né, e a cultura e a arte. A escola sempre foi fechada, engessada, sempre só ENEM, ENEM, ENEM. E eu achava

---

<sup>11</sup> Daliene, professora, em entrevista concedida ao autor Caio Ruano da Silva.

isso muito fraco, muito fraco.” (informação verbal)<sup>12</sup>

No excerto anterior, percebe-se alguns dos pontos levantados até aqui, a afirmação da identidade de escritor proporcionada pela experiência no *slam* - “*Caramba! Eu podia contar histórias*” -, a formação de uma identidade coletiva, que possibilita inclusive o desenvolvimento dos *slams* como comunidades - “*Eu podia captar as vivências. Eu podia me expressar. Eu podia não só me expressar, como expressar coisas em comum com a galera em volta, histórias*” -, e a crítica em relação ao descolamento entre a escola e a realidade social do estudante, que o *slam* potencialmente ajuda a superar - “*nunca tive incentivo da escola, nunca tive essa interlocução entre a escola e o mundo, né, e a cultura e a arte. A escola sempre foi fechada, engessada*”.

Retomando o último ponto (também presente na fala da professora Daliene), observamos nessas falas tentativas de reflexão e crítica acerca do próprio espaço escolar. Conforme destacado na seção anterior, existe no *slam*, um potencial de democratizar esse espaço, reconfigurando as relações tradicionais de poder que ele pressupõe (SILVA e LOSEKANN, 2020).

“No dia do evento Odara, que é o projeto de plano de ação da escola, eu falei sobre poesia *slam*, recitei poemas meus, meninos fizeram poesias deles também, e a professora de português achei interessante que ela sentiu, ela ficou treinando uma das meninas que estava falando, que fez uma poesia falada. E ela se identificou com o discurso ali e ela falou, ‘eu vou comentar também um pouco sobre isso porque a minha história de mulher negra é uma história ligada diretamente à escravidão. É... a minha avó era escrava e tal, veio pra cá e aqui a gente foi construindo a vida, ela com a minha mãe, depois a minha mãe me teve’. E como foi essa visão para ela (...) Eu, por exemplo, que me incluí no ambiente acadêmico e agora na escola, vez ou outra tem algumas coisas assim de consciência, assim, que vai pensando em deixar algo de fora e depois eu vou pensando “não, pelo meu histórico, minha vivência eu sei que isso é importante, eu tenho que lutar por isso” (informação verbal)<sup>13</sup>.

“Quando a gente passou na sala, pegou e mostrou, e mostrou como fazia o *slam*. Muitos alunos que conheciam, mas não sabia o quê que era. Aí vai mostrando que é uma parada que você pode demonstrar o que você pensa de uma forma sentimental, de uma forma crítica, de qualquer outra forma que seja. Você pode demonstrar o que você pensa sem que você seja julgado, de uma certa forma julgado pejorativamente pelo que você está falando em si, e que as pessoas procuram entender a sua forma de pensamento” (informação verbal)<sup>14</sup>.

Percebemos que, ao mesmo tempo que produzem (textos, performances, falas, projetos), os sujeitos se inscrevem no mundo social (como alunos, professores, *slammers*) produzindo também a si mesmos, muitas vezes formando suas identidades nas próprias performances que encenam ou apoiam. Essa atividade é capaz de ativar conhecimentos, uma vez que decorre da atuação conjunta de processos de objetivação e subjetivação. Tomando como exemplo a primeira fala, tem-se um sistema de saberes historicamente, socialmente e culturalmente construído acerca do processo de escravidão sofrido pela população negra no Brasil. Esse saber é acessado e discutido por meio de uma vivência pessoal, de uma história familiar, de um caso material. Desse modo, ele é inseparável das emoções que acompanham a professora, e das emoções que o relato evoca nos demais presentes. O conhecimento gerado nessa fala decorre da interação do sistema de saberes sobre o tema com as subjetividades daqueles que estão ali presentes.

---

<sup>12</sup> Bantu, *slammaster* e *slammer*, em entrevista concedida ao autor Caio Ruano da Silva.

<sup>13</sup> Wagner, professor e escritor, em entrevista concedida ao autor Caio Ruano da Silva.

<sup>14</sup> Pedro, estudante e *slammer*, em entrevista concedida ao autor Caio Ruano da Silva.

Outro exemplo de como se manifestam os processos de objetivação e subjetivação no *slam* perpassa a identidade visual de muitos participantes. É comum *slammers* negros abordarem em suas performances os preconceitos sofridos em relação a aspectos de seus corpos. O mais comum nesses eventos são denúncias de racismo contidos em falas que se referem aos cabelos de pessoas negras como “cabelo ruim”. Percebe-se que junto com essas denúncias, além de sentimentos de raiva gerados pelo racismo, existem também sentimentos de orgulho e exaltação da beleza negra. Esses poetas tanto falam de cabelos *black*, de tranças *etc.*, como muitas vezes adotam esses estilos em seus próprios cabelos (anotações em diário de campo). Nesse caso, conhecimentos acerca de manifestações de racismo e luta contra o racismo no nosso país são ativados, e isso é feito por intermédio da linguagem e do próprio corpo dos poetas. Não existe aqui, novamente, dissociação entre ser e saber. Não existe separação tão evidente entre racional e emocional. Novamente se observa um processo em que o sujeito ao co-produzir a si mesmo no contexto cultural e histórico, ele passa a ser presença no mundo (RADFORD, 2020).

Tornar-se presente no mundo remete à ideia do aluno como alguém que, por meio da atividade em sala de aula, passa a ocupar um espaço no mundo social, a se posicionar e a perspectivar sobre ele. Tornar-se presente no mundo é um movimento dialético entre a cultura e o indivíduo. (...) Nesse movimento dialético, tanto alunos quanto professores são considerados subjetividades em formação, abertura ao mundo. Professores e alunos são conceituados como projetos de vida inacabados e intermináveis, em contínua transformação, em busca de si mesmos, comprometidos juntos no mesmo esforço em que sofrem, lutam, se afirmam e encontram juntos a plena realização (RADFORD, 2020).

Compreendemos, no entanto, que não apenas o *slammer* encontra o conhecimento nesse momento, mas também os demais participantes são afetados por esses processos de objetivação e subjetivação. É justamente nesse sentido que Silva (2020) define os *slams* como comunidades emocionais. No exemplo oferecido anteriormente, há uma tomada de consciência em relação a um aspecto opressor da cultura, assim como uma perspectiva e um posicionamento crítico em relação a este aspecto. A aprendizagem ocorre, conforme preceitua Radford (2020), por meio da atividade humana sensorial e prática.

“As pessoas ficam criando desculpas para não ver as paradas. ‘Ah, eu... eu não sabia que era assim a realidade’. ‘Nossa, não tinha noção de que as pessoas sofriam e tal’ [...] Então não vai ter mais esse discurso fraco de que ‘eu não entendo a realidade das pessoas, que eu não consigo saber o que está acontecendo com o outro’, porque o outro falou [...] Então uma potência, uma característica forte do *slam* pra mim é que ele rompe isso. Ele quebra esse negócio de quem falou que não sabia. Agora você vai saber. Você não entendeu, não? Então a gente vai falar de várias formas” (informação verbal)<sup>15</sup>.

“Teve uma aluna que quando começou a declamar ela começou a chorar, e quando ela começou a chorar... é uma turma até bem cheia, tem 40 meninos, eu achei que eu perderia o controle naquele momento. Eu falei assim “nossa...”. Mas assim eu percebendo aquele... aí os meninos que estavam tão assim interessados no poema, quando ela começou a chorar a turma levantou e começou a aplaudir de uma forma. Foi algo que eu nunca tinha visto. A turma naquele momento que eles levantaram e começaram aplaudir eu percebi que missão cumprida. Eles entenderam. Eles estavam sentindo naquele momento, estava todo mundo no mesmo poema.

---

<sup>15</sup> Chacal, *slammaster* e *slammer*, em entrevista concedida ao autor Caio Ruano da Silva.

Aí ela chorou, sentou um pouco. Eu falei “olha você quer parar?” Ela falou “não, eu vou continuar”. Ela levantou, secou as lágrimas e terminou de declamar o poema. Então pra mim foi assim missão cumprida. Eles entenderam o significado daquilo. Porque normalmente, alguém começar a chorar na sala pra eles é... começam a caçoar e fazer chacota” (informação verbal)<sup>16</sup>.

“E isso que eu quis trazer para os meninos, você pode falar sobre a sua vida, pode falar sobre o seu cotidiano. E isso é poesia também. É tão poesia quanto Manuel Bandeira, é tão poesia quanto qualquer autor de prestígio. Você fazer é prestígio. Você está sendo você. Bota essa voz para fora. E ver aquilo, os gestos. É um ritual, parece uma dança. A pessoa mistura gestos com a sonoridade, com o jeito de falar, as pausas. Parece que a pessoa tá em transe às vezes, quando você tá vendo o *slam*. É muito bonito de ver” (informação verbal)<sup>17</sup>.

Em seu estudo, Fields *et al.* (2014) buscaram compreender as perspectivas de jovens sobre juventude, sexualidade, saúde e direitos, por meio da análise de poemas apresentados no Tucson Youth Poetry Slam, um *slam* para a juventude que ocorre fora de um espaço educacional formal. O contexto da pesquisa se deu em um momento em que várias legislações restritivas para a educação foram aprovadas no Arizona (local da pesquisa). Por exemplo, aulas de saúde e educação sexual só poderiam ser dadas a alunos com consentimento dos pais, e estudos étnicos foram banidos do currículo escolar por medo de gerar “ressentimento contra os brancos”. Ao mesmo tempo, o governo aprovava uma das legislações anti-imigração mais restritivas da história do país, resultando na prisão e deportação de muitos jovens e adultos, desmantelando estruturas familiares, o que resultou em protestos.

Os autores observaram que no que se refere a poemas sobre direitos, esses normalmente envolviam desafiar uma figura de autoridade. É comum que nesses poemas a figura de autoridade seja relacionada à escola. Os poemas também giraram em torno do direito de ser educado e ter acesso a uma gama diversa de saberes. Puderam ser observadas críticas curriculares, sobretudo no que se refere a estudos étnicos e o ensino de história. Como conclusão, a análise demonstrou que a juventude tem conhecimento, é bem informada e engajada em debates relacionados à educação, imigração, e outros tópicos de interesse público. Dessa forma, o *slam* é um veículo para a juventude falar sobre (e resistir à) políticas restritivas, buscando a coalizão de consciência e a ação coletiva (FIELDS *et al.*, 2014).

Esse estudo rompe com a visão estereotipada do “jovem desinteressado”. Os relatos dos professores entrevistados vão também nesse sentido, inclusive destacando que aqueles tidos como “estudantes-problema” são os que mais se destacam no *slam*. O *slam* propõe um modelo de ensino aprendizagem no qual o jovem possui mais autonomia e voz, enquanto o professor não é deixado em segundo plano, pois faz parte do processo e aprende e se desenvolve com a experiência.

“A primeira competição que teve em sala de aula foi uma menina que ganhou. Inclusive a turma estava começando a ficar dispersa e essa menina fez uma poesia ali de conscientização da turma, falando que aquela escola que os alunos estavam fazendo era uma coisa prejudicial e que todos deveriam pensar nas atitudes e tal. E os mesmos que estavam bagunçando ali na hora começaram a se atentar, votaram, levantaram notas boas, eu disputei também pra incentivar e eu fiquei em segundo lugar e ela ficou em primeiro” (informação verbal)<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> Cristiano, professor, em entrevista concedida ao autor Caio Ruano da Silva.

<sup>17</sup> Gabrielle, professora, em entrevista concedida ao autor Caio Ruano da Silva.

<sup>18</sup> Wagner, professor e escritor, em entrevista concedida ao autor Caio Ruano da Silva.

Conforme pode ser observado nesse excerto, o fazer educacional de todos os participantes têm o potencial de ser afetado no *slam*. É nesse sentido que na próxima seção desenvolvemos a discussão sobre *slam poetry* e labor conjunta.

### ***Slam Poetry, atividade e labor conjunto***

Aqui evidenciaremos a integração entre o *slam*, a Teoria da Objetivação e o labor conjunto. A educação brasileira se funda numa legislação em atualização, no qual o segmento para juventude, denominamos de ensino médio, e está preconizado pela Lei nº 13.415/2017 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Geral da Educação Básica do Brasil). Essa norma definiu uma modificação na estrutura do currículo do ensino médio, permitindo uma flexibilização, que além de ter a oferta de componentes básicos para formação, estabeleceu uma adaptação aos conteúdos, a partir do que a legislação chama de itinerários formativos ou trilhas de aprendizagem, no qual se apresentam como atividades, núcleos de estudos, projetos ou outras situações de trabalho a aprender, no qual os sujeitos escolhem o que é pertinente a sua formação.

Radford (2017) explicita a necessidade permanente de trabalho pedagógico com os jovens. A partir desta premissa, entendemos no que no labor conjunto o papel dos educandos não é apenas de sujeitos passivos do processo, nem tampouco de somente receptor de conteúdos, mas de indivíduo autônomo e construtor da própria aprendizagem e saber, contraponto ao senso comum de creditar aos docentes o papel de replicadores de conhecimento, e assim definindo uma cadeia conjunta de ensino e aprendizagem

O conceito de trabalho conjunto torna a ideia operacional de professores e estudantes, [...] como indivíduos que trabalham juntos. Este conceito sugere uma perspectiva educacional que visualiza o ensino e a aprendizagem não como duas atividades separadas, mas como uma única e mesma atividade: aquela na qual professores e estudantes, embora sem fazer as mesmas coisas, empenham-se em conjunto, intelectual e emocionalmente, para a produção do que chamamos, um trabalho comum (RADFORD, 2017, p. 252)

A literatura acadêmica já fornece alguns exemplos da realização de tais práticas. Em seu trabalho, Kirsh (2011) descreve a experiência do uso de *slam* para engajar estudantes no programa de letramentos. Seu objetivo foi identificar uma série de melhores práticas didáticas a serem aplicadas nesse sentido. Seus resultados sugerem a importância de se construir uma comunidade na sala de aula, cuja importância é fazer com que os alunos apoiem-se mutuamente no processo criativo que envolve o fazer do *slam*. O segundo resultado-chave é que os professores não ajam como os “sábios no palco”, de modo que descentralizem a aula, e que aprendam junto com os alunos, funcionando como guias. Ao conciliar essas duas práticas, a possibilidade de empoderamento dos alunos aumenta.

“A gente vê um movimento na escola. E eu gosto quando esse movimento é protagonizado pelos alunos. Porque, por exemplo, a gente teve vários projetos, a gente ganhou vários prêmios aqui na escola. Mas de quem é o protagonismo, dos professores que estão ganhando prêmios ou dos alunos? Eu acho os dois movimentos importantes. Eu acho o professor importante, nós precisamos valorizar demais o professor, mas o movimento tem que ser duplo. O movimento de valorização do professor e o movimento em que o aluno é impactado de verdade. Tá, a gente tá ganhando prêmio, mas qual é o propósito disso? Tem que mostrar pra eles, impactar o meio-ambiente, por exemplo? Vocês estão aprendendo isso, para isso, não para ganhar o

prêmio. Entende? Mostrar uma coisa global. Para que a escola tenha uma força também, uma força perante a comunidade” (informação verbal)<sup>19</sup>.

Nesta perspectiva de trabalho dialógico entre educando e educadores, denotamos a aprendizagem mútua e contínua intrínseca entre o ensino e aprendizagem e, para isso, destacamos o pensamento de Gobara e Radford (2020), que conceitua que o trabalho em sala de aula não é resultado apenas de conhecimento da matéria, mas também de conhecer o alunado, seus pensamentos, desejos, expectativas e anseios, no ambiente escolar e fora dele, conhecer o ambiente social, econômico e cultural no qual estão inseridos, e assim o *slam* permite que esses sentimentos sejam externados através desse método.

Um trabalho que reflete esse ponto é o de Camangian (2008). Nele o autor examina o impacto da poesia performática no pensamento crítico, nos letramentos e na voz de estudantes de um contexto urbano em Los Angeles. O professor/pesquisador criou um grupo de poesia performática com 5 alunos desengajados dos processos educacionais escolares e em situação de alto risco social. Dentre os estudantes, por exemplo, dois haviam passado por centros socioeducativos para menores infratores. As notas de todos eram consideradas baixas, a maior parte já havia reprovado na disciplina de inglês.

Nos resultados da pesquisa de Camangian (2008), é particularmente interessante a consciência de que a poesia não vai mudar completamente a realidade, mas que tem sim poder para desenvolver senso crítico e engajar estudantes em processos de aprendizado. As narrativas deixam claras as transformações dos estudantes em relação a sua consciência sobre problemas complexos da realidade, assim como suas atitudes e formas de se portar em frente aos problemas de suas vidas.

Podemos interpretar essas possibilidades da TO e do *slam poetry* como estratégia de ensino e aprendizagem por meio do labor conjunto nos ambientes pedagógicos, especialmente a sala de aula, pela ótica das contribuições de Camargo e Daros (2018) que discutem uma sala de aula inovadora, com foco na aprendizagem colaborativa que pressupõe aprender uns com os outros e de forma interdisciplinar. Sendo assim, estes sujeitos envolvidos no processo educacional abandonam a passividade, e passam a construir o conhecimento ativamente com base nas suas experiências, permitindo uma concretização da categoria “labor conjunto”, na qual leva-se os sujeitos a deter a tomada de consciência dos objetos postos culturalmente, socialmente, historicamente e politicamente, destaca (RADFORD, 2017).

Nesse sentido, deixamos aqui evidente que o uso *slam poetry* nos permite como uma estratégia de ensino-aprendizagem condizente com os fundamentos da Teoria da Objetivação em diversas áreas do conhecimento. A relação direta entre práticas e saberes, ou seja, entre os processos de objetivação e subjetivação que permitem o conhecimento amplo nas mais diversas áreas, notadamente ciências das linguagens sociais e humanas.

---

<sup>19</sup> Gabrielle, professora, em entrevista concedida ao autor Caio Ruano da Silva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo debater as possibilidades de utilização do *slam poetry* como estratégia de ensino-aprendizagem guiada pelos princípios da Teoria da Objetivação. Por meio de uma pesquisa teórico-empírica, concluímos que o *slam* quando transposto para o ambiente escolar tem potencialidade de atuar de acordo com os princípios fundamentais da Teoria da Objetivação, promovendo processos de objetivação e subjetivação, ou seja, ativando conhecimentos, especialmente no que se refere à área das linguagens.

O *slam* também é capaz de promover o posicionamento crítico de estudantes e educadores no mundo, em uma relação dialética na qual os envolvidos formam e transformam suas identidades. Inclusive, a própria lógica dos espaços educacionais pautados em relações de poder tradicionais passa a ser questionado e democratizado em decorrência desse processo. Nas atividades realizadas por meio do *slam* ocorre normalmente a descentralização do papel do professor, que por sua vez não perde protagonismo. Estudantes e educadores são protagonistas dessas vivências na construção de atividades e eventos de *slam*, conforme preceitua a TO. Assim, entende-se que essa prática educacional seja capaz de potencializar o conceito do labor conjunto, com as implicações didático-metodológicas que isso implica.

A partir das reflexões promovidas aqui, pela relação entre o uso do *slam poetry*, atrelado a teoria da objetivação, observamos a necessidade permanente de inovações quanto ao labor docente, evidenciamos a prontidão de estratégias e métodos de ensino e aprendizagem transformadores, que permitam uma troca constante entre educadores e educandos, que estes assumam um papel ativo e emancipatório do conhecimento e a ampliação de suas visões de mundo.

Aos educadores, percebemos a necessidade de estudos e políticas educacionais que transformem o processo de ensino e aprendizagem, uma vez que tomamos uma que é a TO, utilizada sobretudo para estratégias nas áreas de ciências da natureza e matemática, e aqui apresentamos como efetiva para a formação de pensamentos em ciências da linguagem, humanidades e sociais, como instrumento inovador para consciência da juventude.

As limitações da pesquisa consistem em não termos nenhum trabalho empírico no qual o *slam* tenha sido utilizado no espaço educacional seguindo concretamente todos os fundamentos da TO. Tanto na literatura da área que foi revisada, quanto nas experiências práticas que foram coletadas por meio de entrevista e observação, os sujeitos participantes não tinham especificamente a Teoria da Objetivação como fundamento norteador de seus trabalhos. Por outro lado, isso também revela o caráter inovador de nossa proposta, uma vez que tanto a revisão da literatura quanto os dados levantados cumprem o objetivo de demonstrar como *slam poetry* e Teoria da Objetivação potencialmente se alinham na promoção de práticas educacionais. De todo modo, sugerimos experimentos futuros em que o *slam* seja levado às escolas tendo a Teoria da Objetivação especificamente como base teórica. Cabe esse desenvolvimento para pesquisas futuras.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. 229 p.
- BELLE, F. The poem performed. **Oral Tradition**, Bloomington, v. 18, n. 1, p. 14-15, 2003. DOI 10.1353/ort.2004.0007. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/51577>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- BOSI, A. Cultura como tradição. *In*: NOVAES, A. (coord.). **Cultura brasileira: tradição e contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987. p. 31-58.
- BOUDREAU, K. E. Slam poetry and cultural experience for children. **Forum on Public Policy Online: A journal of the Oxford round table**, v. 8, n. 1, p. 1-15, 2009.
- BRASIL. Lei n.º 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, altera as Leis n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 35, p. 1, 17 fev. 2017.
- CAMANGIAN, P. Untempered tongues: teaching performance poetry for social justice. **English Teaching: Practice and Critique**, v. 7, n. 2, p. 33-55, 2008.
- CAMARGO, F.; DAROS, T. **A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- DAVIS, C. Writing the self: poetry, youth identity, and critical poetic inquiry. **Art/Research International: A Transdisciplinary Journal**, v. 3, n. 1, 2018.
- FIELDS, A. *et al* Youth voices and knowledges: slam poetry speaks to social policies. **Sexuality Research and Social Policy**, v. 11, n. 4, p. 310-321, 2014. DOI 10.1007/s13178-014-0154-9. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s13178-014-0154-9>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- GOBARA, S. T.; RADFORD, L. **Teoria da objetivação: fundamentos e aplicações para o ensino e aprendizagem de ciências e matemática**. São Paulo: Livraria da Física, 2020.
- GREGORY, H. The quiet revolution of poetry slam: the sustainability of cultural capital in the light of changing artistic conventions. **Ethnography and Education**, v. 3, n. 1, p. 63-80, 2008.
- KIRSH, C. F. Stories to yell: using spoken word poetry in the literacy classroom. **Journal of Classroom Research in Literacy**, v. 4, p. 50-61, 2011.
- MORETTI, V. D.; PANOSSIAN, M. L.; MOURA, M. O. DE .. Entrevista. **Educação e Pesquisa**, v. 41, n. 1, p. 243-260, jan. 2015.
- MOREY, B. Un recorrido a través de la teoría de la objetivación. *In*: GOBARA, S.; RADFORD, L. (Org.). **Teoria da objetivação: fundamentos e aplicações para o ensino e aprendizagem de ciências e matemática**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020. p. 43-68.
- MOUFFE, C. **On the Political**. London: Routledge, 2005.

MOUFFE, C. **The Return of the Political**. London: Verso, 1993.

MOURA, M. **Entrevista com Luis Radford sobre a Teoria da Objetivação**. Labeleduc. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. 2014. Disponível em: <http://www.labeleduc.fe.usp.br/?videos=entrevista-com-o-prof-dr-luis-radford-laurentian-university-canada>.

OLSON, A. **Word warriors: 35 women leaders in the spoken word revolution**. Seal Press, 2007.

POOLE, S. **Le text autrement: opening the (language classroom) door to slam**. **The French Review**, v. 82, n. 2, p. 294-305, 2008.

POOLE, S. 'Slambiguité'? Youth culture and the positioning of 'Le Slam' in France. **Modern & Contemporary France**, v. 15, n. 3, p. 339-350, 2007.

RADFORD, L. Methodological aspects of the theory of objectification. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 8, n. 18, p. 547-567, 2015.

RADFORD, L. Saber y conocimiento desde la perspectiva de la Teoría de la Objetivación. In: D'AMORE, B.; RADFORD, L. **Enseñanza y aprendizaje de las matemáticas: problemas semióticos, epistemológicos y prácticos**. Bogotá: Ud Editorial, 2017.

RADFORD, L. Un recorrido a través de la teoría de la objetivación. In: GOBARA, S.; RADFORD, L. (Org.). **Teoria da objetivação: fundamentos e aplicações para o ensino e aprendizagem de ciências e matemática**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020. p. 15-42.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RUDD, L. Just slammin! Adolescents' construction of identity through performance poetry. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, v. 55, n. 8, 2012.

SILVA, C. R. A identidade coletiva do *slam poetry*. **Plural (USP)**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 239-253, 2022.

SILVA, C. R. **Slam poetry: poesia performática, política e educação**. 2020. 106 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, 2020.

SILVA, C. R.; LOSEKANN, C. *Slam poetry* como confronto nas ruas e nas escolas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 41, p. 1-19, 2020.

SILVA, C. R.; SILVA, J. P. *Slam poetry* e educação: uma análise da literatura acadêmica. In: SILVA, R. M. D. (Org.). **Pedagogicidades: educação, cultura e territórios urbanos**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2023. p. 145-170.

SMITH, M. K.; KRAYNAK, J. **Take the mic: the art of performance poetry, slam, and the spoken word**. Naperville: Sourcebooks MediaFusion, 2009.

SOMERS-WILLET, S. Slam poetry and cultural politics of performing identity. **The Journal of the Midwest Modern Language Association**, v. 38, n. 1, p. 51-73, 2005.

UNESCO. Escritório no Brasil. **Políticas públicas de/para/com juventudes**. Brasília: UNESCO, 2004. 304 p. ISBN 85-7652-017-6. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000135923>. Acesso em: 12 ago. 2024.

VORGER, C. Vous récitez? Eh bien, slamez maintenant! **Recherches en didactique des langues et des cultures**: Les Cahiers de l'Acedle, v. 9, n. 1, 2012.

WELLER, W. O conceito de gerações e de juventude na obra de Karl Mannheim. *In*: **XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología**. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, 2009.

#### COMO CITAR — APA

Silva, C. R. da., Silva, J. P. da., & Cury, A. L. C. (2024). Slam Poetry como estratégia de ensino e aprendizagem com base na Teoria da Objetivação. *PARADIGMA*, XLV(Edición Temática 2), e2024008. <https://doi.org/10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2024.e2024008.id1581>.

#### COMO CITAR — ABNT

SILVA, Caio Ruano da; SILVA, Jardel Pereira da; CURY, Andreia Luisa Carriço. Slam Poetry como estratégia de ensino e aprendizagem com base na Teoria da Objetivação. *PARADIGMA*, Maracay, v. XLV, Edición Temática n. 2, e2024008, Nov., 2024. <https://doi.org/10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2024.e2024008.id1581>.

#### HISTÓRICO

Submetido: 30 de marzo de 2024.

Aprobado: 29 de julio de 2024.

Publicado: 01 de noviembre de 2024.

#### EDITORAS CONVIDADAS

Claudianny Amorim Noronha 

Shirley Takeco Gobara 

Luanna Priscila da Silva Gomes 

#### EDITOR JEFE

Fredy E. González 

#### ARBITROS

Dos árbitros evaluaron este manuscrito y no autorizaron la publicación de sus nombres

